

Contra todos, por um objetivo - A ditadura dos conselhos

L'Ouvrier Communiste N°12 - outubro de 1930

Link: <https://archivesautonomies.org/spip.php?article4720>

Perspectivas para a Itália

Nenhum país demonstra como a Itália que os chamados *factores objectivos*, ou seja, a grave crise económica, a queda sem precedentes do nível de vida da classe operária, a reação política, não são suficientes para desencadear mecanicamente a tempestade insurrecional. Que estes factos objectivos existem, que existe esta crise, ninguém nega. ¹²A Concentração, reconhecendo a gravidade da crise, atribui a sua causa ao fascismo (como o faz o bolchevique deposto Cilla que, quando ainda era membro da clique de Moscovo, escreveu um livro intitulado "Os efeitos económicos do fascismo"), mas reconhece a crise na mesma. No entanto, no final da sua análise, todos eles foram obrigados a admitir que a crise teve a sua origem na fraqueza do capitalismo italiano no mercado internacional. Além disso, esta fraqueza não é nova e, se está a agravar-se, deve-se ao facto de a luta pelos espaços comerciais ser cada vez mais renhida. Para se manter na corrida, o capitalismo italiano, perante a agressividade da classe operária, passou do método democrático, a ditadura da corrupção, à ditadura do terror. Os salários são mantidos muito baixos e há uma tendência para os baixar ainda mais. Como podemos ver, se há uma crise permanente em Itália, se ela está a assumir um aspeto particular, isso deve-se à luta cada vez mais amarga entre os bandidos imperialistas pelos mercados internacionais, que, por outro lado, estão a diminuir cada vez mais. Esta luta impiedosa está a provocar o amadurecimento de *factores objectivos*, não só em Itália mas também noutros países. A crise crónica do capitalismo agrava-se e alastra: não há, portanto, saída para o capitalismo em geral para beneficiar de uma nova fase de desenvolvimento, não há saída para o capitalismo italiano. É claro como a luz do dia que a Concentração Antifascista está a mentir quando apresenta um programa para uma Assembleia

¹ Trata-se da Concentration d'Action Antifasciste, uma organização que, desde o seu congresso de fundação em Nérac, em abril de 1927, reuniu o PSIL, o PSI, o Partido Republicano, a CGL e a Liga Italiana dos Direitos do Homem.

² NdE: N. Cilla, "Effetti economici del fascismo", Biblioteca del Comitato sindacale del P.C.d'I., Milano, 1925.

Constituinte Republicana, que regressaria às formas democráticas, à ditadura corruptora. É evidente que o proletariado não teria qualquer interesse em regressar à democracia prometida pelos membros da Concentração. Pensamos que a única diferença entre a ditadura da corrupção e a ditadura do terror, entre a democracia burguesa e o fascismo, é que a ditadura do terror tem menos uma arma, a da corrupção económica e moral de certos sectores da classe operária. Os trabalhadores não têm qualquer interesse em regressar a esta democracia corrupta, uma vez que os interesses do proletariado não são apenas os do estômago, mas também os do cérebro, de modo que a revolução proletária na Europa Ocidental não é simplesmente uma revolta dos famintos, mas o ponto de viragem que conduz ao desenvolvimento de uma grande consciência colectiva da classe operária. Mas se os interesses reais da revolução exigem também que a classe operária se revolte contra os preconceitos corruptores da democracia burguesa, há ainda um facto real, a saber, que os *factos objectivos* negam, excluem a possibilidade de um regresso democrático, ou de um aperfeiçoamento da revolução burguesa em Itália. Fica assim demonstrado que *os membros da Concentração estão a mentir*; que, mesmo que a Concentração, por meio de uma manobra burguesa, chegasse ao poder, só poderia adotar os mesmos métodos que o fascismo contra a classe trabalhadora. Baixos salários e tiros de metralhadora.

Obstáculos ao desenvolvimento da luta revolucionária

Os factores objectivos estão, portanto, maduros, e a perspectiva é clara: a burguesia não sairá da crise, em Itália e noutros países, e está, portanto, destinada a morrer. Uma vez que as forças económicas levam a classe operária à revolta e à revolução, a morte do capitalismo é inevitável. A concentração não pode assustar ninguém e o território será rapidamente libertado desta camarilha de tiranos destituídos. Os bolcheviques tomarão o poder e conduzirão o proletariado à libertação. Para isso, é necessário um grande partido, gritam os bolcheviques, e com eles o povo de *Prometeo* (desde que, evidentemente, estejam à frente dele). Naturalmente, dizem estes políticos, se não fôssemos nós, se não liderássemos, se não formássemos o novo Estado proletário, os trabalhadores seriam vítimas da Concentração. Se estivermos presentes, tudo estará seguro, a revolução, o comunismo e tudo o resto. Se estivermos ausentes, será um desastre. Um *partido*, evidentemente, tal como o concebemos, é indispensável, porque ele e só ele representa os *factos objectivos*, isto é, os factores do cérebro, do pensamento da revolução. O que Lenine disse, Bordiga também o diz: a classe, a sua unidade, são conceitos que a realidade, o desenvolvimento histórico, torna relativos; o

que é absoluto, o que exprime a unidade da classe, é o partido, o nosso partido. O partido, essa essência mística, esse concentrado extraído (não sabemos por que milagre) da realidade fluida da classe, escapa às leis da evolução, às leis da dialética, transcende a realidade, é uma super-realidade. O grande partido da disciplina de ferro, o partido que é o reservatório da ideologia, que introduz esta ideologia do exterior no campo proletário, tornará possível a revolução e o esmagamento do fascismo e da concentração.

Mas esta forma de raciocínio, que confia o monopólio da consciência proletária a um grupo de indivíduos e que nos apresenta um modelo de consciência proletária já pronto, não explica nada. Houve partidos deste tipo na Alemanha e em Itália em 1923 e 1924, mas não houve revolução. Os *elementos objectivos e subjectivos*, tal como apresentados pelos bolcheviques, estavam lá e, no entanto, não houve revolução. Por conseguinte, a teoria dos bolcheviques não é suficiente, está errada. A sua ideologia, que satura a classe operária a partir do exterior, a sua estratégia, a sua tática, são inúteis. Que elemento é esse que impede a revolução de se desencadear e que se apresenta, mesmo quando a insurreição é um facto da vida, como um grave perigo?

Origens dos obstáculos

Meio século de tradição pesa sobre o proletariado italiano, uma tradição de luta económica, de simples luta pelo pão. A ilusão da democracia continua a ser um grave perigo. A democracia burguesa, com o seu formidável desenvolvimento burocrático, com a absorção das formas de luta sindical no seu aparelho jurídico, representa ainda para o proletariado dos grandes países capitalistas uma ilusão que adquire na sua mente o valor de uma realidade concreta. No entanto, a democracia não representa de modo algum uma vantagem real para a classe operária. Os reformistas nunca deixaram de elogiar esta forma de Estado que tende a fundir-se com a sociedade, este Estado que representa uma forma de compromisso útil a todas as classes, e os bolcheviques, consoante a época, é evidente, apoiam as vantagens da democracia para o desenvolvimento da sua propaganda. Mas esta democracia tão apregoada, esta forma que, segundo alguns, se deve distinguir claramente do fascismo, representa precisamente o pântano em que se afoga o espírito em desenvolvimento da classe operária. As aristocracias operárias afogam-se nele para sempre, e os trabalhadores das metrópoles vêm-nas afogar-se, dolorosamente, com inveja. A racionalização ou, para ser mais exato, o novo método de exploração da força de trabalho, fez o resto. Os operários não pensam, os

operários não lêem literatura revolucionária, os seus cérebros são vítimas da terrível corrupção da democracia.

Vivemos este período de democracia de uma forma particular em Itália. A democracia burguesa não conseguiu estender os seus tentáculos a grandes sectores da classe operária, porque o poder económico do capitalismo italiano foi sempre limitado no campo da concorrência internacional, porque era impossível criar uma grande aristocracia operária e também porque os sonhos de Crispi de um grande império colonial naufragaram em Abba-Garina. No entanto, o reformismo desenvolveu-se com bastante força, sobretudo em Milão, onde os trabalhadores qualificados adquiriram uma posição relativamente privilegiada, e surgiu sob uma forma demagógica à frente do movimento económico. Assim, a corrupção burocrática invadiu também a consciência dos trabalhadores de vanguarda. A mentalidade do compromisso também se desenvolveu no seio da classe operária italiana. Neste país, é claro que enquanto o movimento económico representa um elemento revolucionário na sua fase de luta, na sua fase de compromisso, de negociações com os patrões, representa um elemento contrarrevolucionário. Este compromisso, que, na forma de organização sindical, assume um carácter permanente, semeia nas classes trabalhadoras a ilusão de uma melhoria contínua da sua sorte na sociedade capitalista. Esta particular fixação cerebral, psíquica, do preconceito reformista adquiriu um valor de resistência, de conservação, perante as furiosas investidas do fator económico que levou o proletariado às lutas de 1919 e dos anos seguintes; e foi ela que permitiu o abandono temporário das fábricas expropriadas e, nos dois anos seguintes de guerra civil, a vitória do fascismo, isto é, da reação burguesa. Por conseguinte, acumularam-se experiências dolorosas na mente dos trabalhadores italianos. É claro que a psicologia interior do proletariado deve sentir que o peso da tradição democrática foi muito abalado. Mas também não devemos ser demasiado optimistas. A mentalidade reformista da maioria dos trabalhadores italianos talvez se reproduza sob a forma de uma nostalgia do período de 1919 e do período anterior à guerra, que, embora tenham sido maus, ainda se apresentam nas suas mentes como algo melhor do que o período atual. A força da Concentração reside precisamente neste elemento tradicional, nesta fixação psicológica do reformismo, que impede ou retarda o desenvolvimento da consciência dos trabalhadores. A luta contra a Concentração antifascista, que representa um perigo que, como se vê, é muito grave, é necessária. Mas, para isso, não bastam as polémicas verbais. É também necessária a preparação e a realização de *polémicas de facto*.

O perigo bolchevique

O que é que os bolcheviques e os seus concorrentes da *Prometeo* estão a fazer? Defendem a concentração, mas em que sentido? No sentido de destruir, de colaborar na destruição dos resíduos da mentalidade reformista da classe operária em Itália? De modo nenhum: todos eles, incluindo a nova oposição trotskista, pensam em reavivar formas de organização sindical e formas de luta económica há muito ultrapassadas. E estão sempre a falar do destino de uma Confederação Geral do Trabalho que já não existe e que gostariam de reavivar, e acenam habilmente com um programa mínimo em que exigem salários mais altos e liberdade de organização. Mas o que é que todos estes burocratas fazem, de facto, no exercício das suas funções, ou mesmo fora delas? Com os seus slogans, acabam naturalmente por fazer o jogo da Concentração. De facto, os membros da Concentração aproveitam para dizer aos trabalhadores: "Mas o que é que nós queremos? Liberdade de organização, salários mais altos. Então porque é que os bolcheviques nos insultam se o seu programa é igual ao nosso? Se nós somos traidores, eles também são traidores. E eles também, os bolcheviques, são traidores da classe trabalhadora. São todos iguais. Ambos mentem à classe trabalhadora. Os bolcheviques dizem: não podemos dizer sempre toda a verdade à classe operária, é por isso que precisamos de um programa mínimo, porque os proletários nem sempre conseguem compreender o nosso programa máximo. Trata-se evidentemente de um pretexto, pois esta pretensa estratégia é inútil na medida em que a situação é tal que, neste momento histórico, é mais necessário do que nunca dizer toda a verdade aos trabalhadores. Se eles querem libertar-se da opressão burguesa, se querem ganhar a luta contra o capitalismo endurecido, precisam de um espírito de combatividade, de heroísmo, que ultrapasse a mentalidade tradicional do reformismo. Mas, neste caso, os bolcheviques de todas as tendências não estão apenas a fazer o jogo da Concentração, estão também a fazer o seu próprio jogo. Se a massa trabalhadora despertar definitivamente para fazer, como classe, a sua própria revolução, se compreender que deve tomar nas suas mãos a direção da produção e a direção da sociedade, já não haverá lugar para uma ditadura bolchevique, para a ditadura de um partido. Ora, se os bolcheviques de todos os matizes aspiram a esta supremacia política, a esta ditadura de casta, como podem eles colaborar na formação da consciência proletária? Eles sempre consideraram, e ainda consideram, a classe operária como uma massa de manobra que, se bem manejada, deve levá-los ao poder. E assim, quando levantam a palavra de ordem da ditadura do proletariado, continuam a mentir. Dizem, como disse Lenine, que o Estado burguês tem de ser derrubado, completamente destruído, mas, como fez o próprio Lenine,

estão dispostos a criar no lugar do Estado destruído um outro Estado que, embora tome o nome de Estado proletário, não é de todo o Estado que está a morrer, não é de todo a ditadura de classe que actua contra os elementos burgueses, contra os resíduos capitalistas da sociedade. A Rússia é um exemplo vivo desta afirmação da nossa parte. Trata-se de um Estado de natureza burguesa, sob a máscara de uma pretensa ditadura proletária, que se consolida cada vez mais impondo à classe operária uma disciplina, métodos de trabalho, completamente capitalistas, impedindo a esta classe um desenvolvimento ideológico espontâneo e autónomo. Os bolcheviques não têm qualquer interesse na abolição das formas obrigatórias de coligação, na destruição das corporações: de facto, nos programas da Internacional Comunista, também queriam que elas fossem conquistadas. Mas mesmo que fossem obrigados a liquidar as corporações, as suas Confederações Gerais do Trabalho não teriam uma função diferente da das corporações. A coligação obrigatória, a integração dos sindicatos no aparelho de Estado, seria uma realidade no regime bolchevique. Como na Rússia, evidentemente.

Assim, ao lado do perigo da concentração, há um perigo bolchevique, contra o qual devemos lutar ferozmente. Este perigo é tanto mais importante quanto a tradição da Revolução Russa, do Estado proletário russo, tem uma grande influência no espírito dos trabalhadores italianos. Ignorando a realidade russa, muitos deles confundem essa realidade com as suas aspirações revolucionárias, com a ideia que têm de uma ditadura operária. Acreditam, de facto, que os bolcheviques poderão levá-los ao poder: é preciso ter em conta que esses mesmos trabalhadores obedecem também ao hábito adquirido na política parlamentar e sindical de confiar os seus assuntos a homens privilegiados, funcionários e chefes. Este hábito, que impediu o desenvolvimento autónomo das energias de classe, é uma grande ajuda para os bolcheviques nas suas manobras. E ainda permanece no espírito das massas trabalhadoras a seguinte sugestão: precisamos de um líder para derrubar o fascismo!

É assim que estes pretensos comunistas, uns exagerando o mito de Lenine, outros o mito de Trotsky ou Bordiga, conseguem manter as massas trabalhadoras à espera do Messias que, aliás, parece não querer encontrar o seu caminho. Este mito do líder está muito difundido nos círculos operários extremistas. Os militantes comuns, e mesmo os teóricos, querem que ele venha. E assim, na realidade, o espírito dos trabalhadores adormece, embalado no sonho de que alguém vai agir: e quando, no momento do desespero, a ação violenta se torna uma necessidade, um método coletivo, quando as massas se libertaram do jugo, o líder entra em

cena com a sua tropa de discípulos para dizer: aqui estou eu, estou à vossa disposição, pronto para vos guiar! E, nesse caso, há o perigo de o proletariado se deixar convencer, ainda que por uma experiência transitória, pelos resíduos de preconceitos que ainda lhe perturbam o espírito. É por isso que o bolchevismo é também um perigo. Mas é preciso dizer desde já que este perigo bolchevique não pode assumir apenas formas oficiais ou semi-oficiais moscovitas, pode também ter um aspeto diferente, pode também ser anarquista, pode encontrar a sua manifestação concreta em qualquer grupo político. E é por isso que a revolução proletária em Itália, como noutros países, só pode ser uma revolução permanente, só pode ser um crescendo contínuo de heroísmo e de consciência proletária, e não simplesmente um movimento que termina com o advento de um partido, mas um movimento mais complexo em que as forças cerebrais da classe operária eclodem, se desenvolvem no sentido de uma atividade poderosa. Se fizermos uma simples comparação histórica, veremos que a ideia que temos da revolução proletária, desse imenso rio de energias que, crescendo límpida e vivamente, se alargará cada vez mais, não é de todo exagerada, e que não é de todo romântica. Se olharmos um pouco para trás, veremos do que foram capazes as revoluções burguesas: a grande revolução de 89. Tratava-se de pequenas minorias que afirmavam o seu domínio na arena da história. E, no entanto, as massas foram capazes de um heroísmo inaudito por um ideal que não era o seu e que acreditavam ser o seu. Se olharmos para a Comuna de Paris, veremos que, na aurora da revolução proletária, as massas despertaram para um heroísmo incrível. Se considerarmos agora a entrada nesta arena da história das imensas massas industriais, se pensarmos que os cérebros de milhões e milhões de proletários perturbam o jogo de preconceitos antigos, de preconceitos novos e antigos, veremos como esta grande revolução é possível, como as suas perspectivas nunca são demasiado exageradas.

E os golpes da violência proletária não serão mal direccionados se forem dirigidos contra aqueles que querem parar o curso tumultuoso deste sublime crescendo de vida e revolta.

Conclusão

Mas o que é que vocês, comunistas radicais, vão fazer? Não vão fazer como os outros? O que é que sabemos sobre o dia de amanhã? O que sabemos é que o amanhã é a revolução. Além disso, não estamos a pedir nada à classe operária: lugares nos parlamentos ou cargos sindicais. Dizemos ao proletariado: fazei a vossa própria ditadura, só vós criareis os conselhos, protegeí-vos de toda a hegemonia partidária nos vossos conselhos, aqueles que criastes em 1919 e 1920 em quase todo o lado, nos locais de trabalho, procurai e encontrai a

força para quebrar a dominação burguesa nos vossos conselhos; encontrais e procurais a solução para transformar a produção de consumo em produção de necessidades, a produção capitalista em produção comunista. Com a força das vossas armas e do vosso cérebro, destruireis a organização burguesa da produção e da sociedade, criareis a nova organização, as novas formas económicas e sociais, as novas forças ideológicas. Com a força das vossas armas e o desenvolvimento das vossas faculdades intelectuais, saltareis do mundo da escravatura para o mundo da liberdade.

E quanto a nós? Tudo o que queremos é *lutar e vencer convosco*.

Pelos conselhos de fábrica! Pela revolução proletária!